

Marcadores imperativo-hortativos e finitude

Imperative-hortative markers and finiteness

Rerisson Cavalcante*

Resumo

Neste texto, discuto diferenças morfossintáticas nos verbos que ocorrem em sentenças com o marcador hortativo *davay* (literalmente, ‘dar’ no imperativo) no russo em comparação com outras línguas. No português brasileiro, inglês e coreano, o verbo sob escopo de um marcador hortativo explícito ocorre na forma não-finita, como em *bora viajar* e *let’s have lunch* (‘vamos almoçar’). Em russo, porém, o verbo pode ocorrer na forma infinitiva ou flexionado em tempo, número e pessoa, duas possibilidades condicionadas pelo traço aspectual do verbo. Apresento três possíveis análises para tal diferença entre os hortativos russo e os de outras línguas.

Palavras-chave: imperativos inclusivos; sentenças hortativas; imperativos russos; português brasileiro.

Abstract

In this paper, I discuss morphosyntactic differences in the verb forms occurring in sentences with the hortative marker *davay* (literally, ‘give’) in Russian, compared with other languages. In Brazilian Portuguese, English, and Korean, the verb within the scope of an explicit hortative marker appears in a non-finite form, as in *Bora viajar* (‘let’s travel’) and *Let’s have lunch*. In Russian, however, the verb can occur either in the infinitive form or inflected for tense, number, and person, depending on its aspectual feature. I present three possible analyses of such differences between Russian hortatives and those in other languages.

Keywords: inclusive imperatives; hortative sentences; Russian imperatives; Brazilian Portuguese.

*Universidade Federal da Bahia, UFBA. E-mail: rerissoncavalcante@gmail.com. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7255-5422>.

1 Introdução

Neste texto, discuto a estrutura sintática de sentenças imperativas com valor hortativo. Mais particularmente, trato de como marcadores imperativo-hortativos interagem com flexões finitas e infinitivas. No português brasileiro (PB), inglês e coreano, o marcador hortativo se combina com verbos infinitivos ou sem morfologia flexional, como veremos na seção 3. Em russo, porém, o marcador hortativo *davay(te)* se combina com verbos infinitivos, como em (1a)¹, ou flexionados em tempo, número e pessoa, como em (1b) (cf. Hansen, 2024; Podlesskaya, 2006), o que levanta a questão sobre como explicar tal diferença entre as línguas citadas.

- (1) a. **Davay** rubit' etat uzal. (russo)
dar.IMP cortar.INF esse nó
'Vamos cortar esse nó.'
- b. **Davay** otremoniruem direvyanij dom. (russo)
dar.IMP(PL) reparar.FUT.1PL de.madeira casa
'Vamos consertar essa casa de madeira!'

(Hansen, 2004, p. 262, adaptado)

O texto está organizado da seguinte forma: na seção 2, apresento a família das construções jussivas, com foco em sentenças hortativas do PB, inglês e coreano; na seção 3, trato da incompatibilidade entre marcadores hortativos explícitos e verbos flexionados nessas línguas; na seção 4, discuto o caso do russo, em que, diferentemente dos casos anteriores, o marcador hortativo se combina com verbos infinitivos e com verbos flexionados; na seção 5, apresento três possibilidades de análise para as diferenças entre os hortativos russos e de outras línguas.

2 O modo jussivo

Sentenças imperativas exercem um amplo conjunto de funções discursivas (ordens, pedidos, proibições, permissões, hipóteses, votos etc), mas a função de ordenar algo ao ouvinte é vista como sua propriedade prototípica (cf. Potsdam, 1998; Aikhenvald, 2010; Jerry; Kissine, 2014; entre outros). Ainda assim, várias línguas possuem estruturas gramaticais que compartilham propriedades morfossintáticas dos imperativos, mas não são direcionadas (exclusivamente) ao ouvinte.

Uma forma de tratar desse fato de modo unificado é considerar que, ao invés de um modo imperativo, as línguas permitem um *modo jussivo*, entendido como aquele em que uma imposição é colocada sobre *algum* dos interlocutores (cf. Pak; Portner; Zanuttini, 2008). As sentenças jussivas que expressam uma obrigação *ao ouvinte ou destinatário* correspondem às imperativas (cf. (2)), as representantes mais famosas do modo jussivo.

- (2) a. Abra a porta! / Cale a boca! / Não faça barulho!
b. Open the door! / Shut up! / Don't make any noise!

¹Na ortografia cirílica: (1a) "Давайте рубить этот узел"; (1b) "Давайте отремонтируем деревянный дом".

As que expressam uma imposição *ao próprio falante* seriam as jussivas do subtipo promissivo. O PB não possui formas gramaticais especializadas para o promissivo, mas o coreano utiliza o sufixo verbal *-ma*, para marcar uma sentença como uma promessa (cf. (3)).

- (3) Nayil cemsim-ul sa-**ma**. (coreano)
 amanhã almoço-ACUS comprar-PRM
 ‘Eu vou comprar o almoço amanhã.’

(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, p. 158, adaptado)

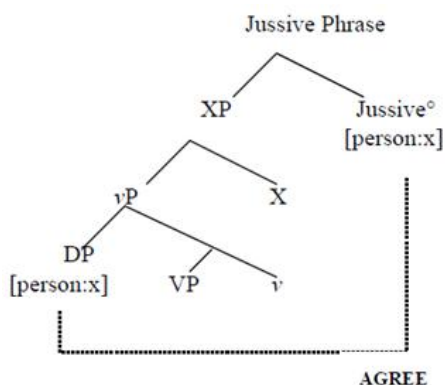
Por fim, as sentenças jussivas que expressam uma obrigação simultânea sobre o ouvinte e o falante são as do subtipo *hortativo*². Outros termos encontrados na literatura são “imperativo inclusivo”, “imperativo de primeira pessoa”, “exortativo” e “propositivo”. Em coreano, as hortativas são marcadas pelo sufixo verbal *-ca*, como em (4).

- (4) Cemsim-ul sa-**ca**. (coreano)
 almoço-ACUS comprar-HORT

(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, p. 158, adaptado)

Pak, Portner e Zanuttini (2008) consideram que os marcadores jussivos são gerados no núcleo de uma categoria especializada, JussP, como em (5). O “XP” em (5) corresponde a quaisquer categorias funcionais intermediárias entre JussP e *vP*. Os autores cogitam AspP, o que sugere uma posição relativamente baixa para JussP na hierarquia sentencial.

- (5) Estrutura de sentenças jussivas (em coreano)



(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, p. 165)

Em inglês, podem ser consideradas hortativas sentenças como (6), com *let's*. Potsdam (1998) não usa o termo “hortativo”, mas argumenta que, nesses casos, (i) *let's* é uma unidade lexical, que não deve ser vista como contração de *let us*; (ii) não corresponde

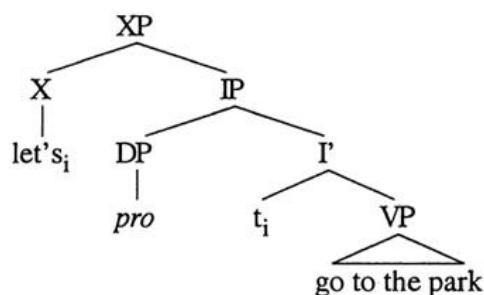
²Alguns autores (cf. Jerry; Kissine, 2014, p. 26-31; van der Auwera; Dobrushina; Nina; 2023) usam o termo “hortativo” para qualquer imperativo que não seja de segunda pessoa, incluindo imperativos de terceira pessoa. Os exemplos citados, entretanto, parecem-me corresponder ou a imperativos de segunda pessoa com formas verbais de terceira, por questões de polidez, ou a sentenças *permissivas*, também direcionadas ao ouvinte, em que o falante solicita a este uma permissão para outra pessoa agir de certa forma.

ao verbo lexical *to let* ('permitir'), pois tem comportamento sintático-semântico distinto e (iii) é uma forma específica de imperativos de primeira pessoa do plural.³

O autor propõe que *let's* é um verbo auxiliar, gerado em I° (como o *do* suporte), que se move para o núcleo de uma categoria mais alta (cf. (7)), que podemos reinterpretar como ForceP ou JussP, mas realocando o JussP acima de TP/IP.

- (6) a. **Let's** go to the park!
 ir para o parque
 'Vamos/bora ao parque!'
- b. **Let's** be roommates!
 ser colegas-de-quarto
 'Vamos/bora ser colegas de quarto!'

(7) Estrutura de sentenças imperativas com *let's*



(Potsdam, 1998, p. 272)

No PB, seriam hortativos os “imperativos de primeira pessoa do plural”, encontrados em gramáticas normativas, textos religiosos solenes, como traduções da Bíblia, e textos anteriores ao século XX. Em dados como (8), não há um item especializado para a função hortativa. Tal interpretação vem do verbo na primeira pessoa do plural do subjuntivo, uma forma que não é exclusiva da função jussiva/hortativa.

- (8) a. *Façamos* o homem à nossa imagem e semelhança!
 (tradução da Bíblia, versão Almeida Corrigida Fiel, 2011)
- b. Mas não *antecipemos* os sucessos; *acabemos* de uma vez
 com o nosso emplasto.
 (Machado de Assis. Memórias Póstumas de Brás Cubas, 1881)

Hortativos semelhantes existem em diversas outras línguas (espanhol, italiano, romeno, húngaro etc), mas tais formas caíram em desuso no PB, com a exceção da forma *vamos* (especialmente quando usada como auxiliar, como em *Vamos sair*) e de algumas usadas como marcadores conversacionais (*digamos*, *suponhamos*).

³Um parecerista chama a atenção para os fatos (i) e (iii) da análise de Potsdam serem “curiosos”. Ou seja, não se pode associar *let's* a *let us*, mas, ainda assim, *let's* é “um operador que remete **somente** à primeira pessoa do plural (*nós/us*)”. O modo como eu interpreto esse ponto da análise de Potsdam é: *let's* e *let us* não estão em variação estrita; não podem ser usados no mesmo contexto, sem mudança das propriedades da sentença. Mas isso não é incompatível com a possibilidade de *let's* ter se desenvolvido a partir de *let us*, com o 's retendo o traço de (primeira pessoa do) plural.

Em Cavalcante (2023 e a sair), porém, propus que dados do PB com *bora* (cf. (9)) devem ser vistos como sentenças hortativas; e que *bora* é um marcador hortativo, ocupando o núcleo da categoria responsável por codificar o tipo sentencial em geral (como ForceP) ou o tipo jussivo (como JussP) especificamente (cf. (10)). A análise daria conta de uma série de propriedades de *bora*, como: ocorrência em ordens e convites, mas não em declarativas; incompatibilidade com sujeitos explícitos, com pronomes interrogativos e com a negação sentencial à sua esquerda.⁴

- (9) a. *Bora beber!*
 b. *Bora sair amanhã!*
 c. *Bora ver um filme!*
 d. *Bora jogar bola!*

- (10) *Bora*: gerado em Force^o ou em Juss^o
 a. [_{ForceP} [_{Force'} **bora** [_{TP} pro [_{T'} [_{VP} **pro** [_{V'} beber]]]]]]
 b. [_{JussP} [_{Juss'} **bora** [_{TP} pro [_{T'} [_{VP} **pro** [_{V'} beber]]]]]]

Essa análise também pode ser aplicada para o *vamos* que ocorre como verbo auxiliar em sentenças hortativas, como em *Vamos sair!* (cf. Cavalcante, 2023 e a sair), que também não pode cair sob o escopo da negação sentencial sem perder a leitura hortativa. Mas, neste caso, *vamos* seria gerado em T^o e depois se moveria para Force^o ou Juss^o.

Na próxima seção, trato da interação dos marcadores hortativos com verbos finitos.

3 Marcadores hortativos e formas verbais não-finitas

Nas três construções com marcadores hortativos citadas anteriormente (com *-ca* em coreano, *let's* em inglês e *bora* no PB), estes se combinam com formas verbais sem marcas flexionais. Isso poderia, em princípio, resultar do fato de o próprio marcador hortativo ser a realização de uma categoria flexional de tempo/concordância (como em Potsdam, 1998), que suprimiria a presença de outros morfemas desse tipo; ou da incompatibilidade da categoria hortativa com TP⁵, a qual talvez selecione um InfP ou VP como complemento.

⁴Quanto a declarativas, uma sentença como *Bora no cinema e depois a um restaurante* não é uma boa resposta a um pedido de informação, como *O que vocês dois vão fazer amanhã?*, pois soa como convite, não como descrição do mundo. A troca de *bora* por *vamos* torna a sentença adequada ao contexto.

Quanto a sujeitos explícitos, dados como **Nós/a gente bora (lá/logo)!* e **Nós/a gente bora sair amanhã!* são inaceitáveis, com os pronomes nas posições típicas de sujeito, mas a omissão dos pronomes torna as sentenças boas. Por outro lado, sujeitos extrapostos, com interpretação contrastiva, são aceitáveis, como em *Bora sair daqui, eu e você* e *Bora — eu e você — sair daqui*. Um parecerista também aponta a aceitabilidade de dados como *Vamo estudar nós* ou *Bora viajar só nós*.

Quanto à negação sentencial, sentenças como **Não bora beber / viajar!* são inaceitáveis. A negação só pode ocorrer sob o escopo de *bora*, como em *Bora não beber mais!*. Por outro lado, dados como *Bora (sair) não!* e *Não bora (sair) não!*, são aceitáveis, mas não funcionam como ordens negativas, e sim como rejeições a ordens/convites feitos previamente.

⁵A questão sobre a ausência, em imperativos, de categorias funcionais típicas de sentenças finitas tem longa data na literatura gerativista. Segundo Beukema e Coopmans (1989), imperativos não têm INFL (= IP); para Zanuttini (1991, 1996), imperativos (verdadeiros) não têm TP; segundo Platzack e Rosengren (1998), imperativos não têm FinP, o que resultaria na ausência de TP e MoodP. Outros autores, porém, como Rooryck (1995) e Potsdam (1998), assumem a existência de um IP ou TP em imperativos de segunda pessoa. Neste artigo, focarei a atenção sobre os hortativos.

A ausência de traços de finitude é mais clara no caso do PB, em que há morfologia explícita de infinitivo no verbo com o qual *bora* se combina. A tentativa de flexionar o verbo resulta em agramaticalidade, como se pode ver na comparação entre (11), (12) e (13). Em (11), vemos *bora* combinado com infinitivos impessoais (não-flexionados) e infinitivos pessoais (flexionados em número e pessoa, mas não em tempo).

- (11) a. Bora *sair* amanhã / *estudar* inglês / *ir* pra praia.
b. *Bora *sairmos* amanhã / *estudarmos* inglês / *irmos* pra praia.

Em (12), vemos a agramaticalidade com flexões finitas no presente: primeira pessoa do plural em (12a); terceira do singular em (12b)⁶.

- (12) a. *Bora *saímos* amanhã / *estudamos* inglês / *vamos* pra praia.
b. *Bora *sai* amanhã / *estuda* inglês / *vai* pra praia.

Já em (13), vemos a agramaticalidade de *bora* com flexões de futuro: em (13a), com o futuro simples e flexão de primeira pessoa plural; em (13b), com o futuro perifrástico e flexão de terceira singular; em (13c), com o futuro perifrástico e flexão de primeira do plural.

- (13) a. *Bora *sairemos* amanhã / *estudaremos* inglês / *iremos* pra praia.
b. *Bora *vai sair* amanhã / *vai estudar* inglês / *vai ir* pra praia.
c. *Bora *vamos sair* amanhã / *vamos estudar* inglês / *vai ir* pra praia.

Poder-se-ia argumentar que a impossibilidade das formas de primeira pessoa do plural, com *-mos*, se deve à substituição do pronome *nós* por *a gente* no PB, que teria levado à perda das flexões correspondentes. Porém, apesar da frequência bem maior de *a gente* + *verbo.3sg*, as formas verbais (indicativas) da primeira do plural não caíram totalmente em desuso.⁷ E, ainda que tivessem caído, isso não explicaria a agramaticalidade de *bora* com *vamos* (cf. (12a) e (13c)), pois esta forma ainda é frequente no PB.

A perda das demais formas verbais de primeira do plural também não explica a impossibilidade de *bora* com a flexão de terceira pessoa do singular (com sujeito nulo equivalente a *a gente*) (cf. (12b) e (13b)). Os dados de (11) a (13) sugerem que *bora* exige como complemento uma forma verbal infinitiva (ou um InfP ou um TP vazio que selecionaria VP não-finito). Corroborar essa hipótese a possibilidade de locução verbal nas sentenças com *bora*, mas com o auxiliar na forma infinitiva, como nos dados em (14), coletados em redes sociais.

- (14) a. Bora *ir* jogando Skyrim... até sair TES6.
b. Bora *ir* realizar o sonho de outras pessoas.

Em inglês, o *let's* hortativo se combina com verbos sem flexão e sem o marcador de infinitivo *to*. Isso, em princípio, diz pouco sobre a natureza flexional de tais verbos, uma vez que a forma é compartilhada pela primeira pessoa do plural (*we go*), pelo infinitivo (*to go*) e imperativo (*go!*). Logo, não haveria certeza de se o verbo combinado com *let's*

⁶A comparação com (12b) é importante devido ao uso sistemático de *a gente* como pronome de primeira pessoa do plural, que, no PB, se combina com a forma da terceira pessoa do singular.

⁷Mendonça (2012, p. 4) encontra 29% de *nós* em Vitória (ES). Borges (2004) encontra 26% e 21% de *nós* explícito e 21% e 7% de *nós* implícito em Jaguarão (RS) e Pelotas (RS), respectivamente. Quanto à concordância verbal, em Zilles, Maia e Silva (2000, p. 206), 66% dos dados com *nós* na função de sujeito apresentam o verbo com o morfema *-mo(s)*, dos quais apenas 7,5% foram de *vamos* + infinitivo (p. 211).

é uma forma finita ou infinitiva. Entretanto, o verbo *to be* tem formas diferentes para o plural finito (*are*) e o infinitivo (*be*). Em sentenças hortativas com *let's*, tal verbo assume a forma não-flexionada *be* (cf. (15)). A flexão *are* torna a sentença agramatical (cf. (16)).

- (15) a. Let's *be* Simpson characters for Halloween!
 'Vamos ser personagens dos Simpsons no Halloween!'
- b. Let's you and me *be* roommates!
 'Vamos ser, você e eu, colegas de quarto!'

(Potsdam, 1998, p. 267, 269; traduções minhas)

- (16) a. *Let's *are* Simpson characters for Halloween!
 b. *Let's you and me *are* roommates!

Os dados em (15) e (16) ainda não são suficientes para distinguir se o complemento de *let's* é um InfP ou um VP, uma vez que, em sentenças finitas com *will*, *can* e *do(es)n't*, o verbo lexical também se apresenta na forma não-finita, como em (17). Porém, como apontado antes, Potsdam (1998) considera que *let's* é o núcleo de IP. Por essa análise, o seu complemento seria, de fato, um VP.

- (17) a. John will/can work/be here.
 AUX.FUT/pode trabalhar/estar aqui
 'John vai/pode trabalhar/estar aqui.'
- b. John doesn't work/*be here.
 AUX.NEG trabalhar/estar aqui
 'John não trabalha/está aqui.'

Por outro lado, sentenças hortativas com *let's* podem ter um auxiliar entre *let's* e o verbo lexical, como em (18), o que sugere a existência de ao menos uma categoria flexional intermediária entre o marcador hortativo e o VP lexical, que poderia ser um AspP, embora Potsdam (1998) adote uma análise em que esse tipo de auxiliar é núcleo de um VP adicional.

- (18) Let's **have** completely **cleaned** the place up by the time he returns!
 Lit: 'Vamos ter limpadado completamente o lugar quando ele voltar!'

A situação do coreano é menos clara, já que esta língua não apresenta flexões de pessoa e número, como apontam Pak, Portner e Zanuttini (2008). Mas os autores apontam diferenças entre as formas verbais que ocorrem com marcadores jussivos e as que ocorrem em declarativas e interrogativas. Verbos com morfemas jussivos não aceitam partículas evidenciais nem morfemas de tempo (cf. (19)), que ocorrem nos demais tipos de sentenças.

- (19) a. *ka-ess/ul/nun-**ma**. (promissivo)
ir-PST/FUT/PRES-PRM
- b. *ka-ess/ul/nun-**la**. (imperativo)
ir-PST/FUT/PRES-IMP
- c. *ka-ess/ul/nun-**ca**. (hortativo)
ir-PST/FUT/PRES-EXH

(Pak; Portner; Zanuttini, 2008, 163, adaptado)

Em todos esses casos, o ponto importante é que, qualquer que seja a categoria funcional correspondente, as formas verbais que acompanham os marcadores hortativos são não-finitas. Com base nesses dados, é possível formular a seguinte generalização.

- (A) Marcadores hortativos explícitos são incompatíveis com verbos com marcas flexionais de tempo, número e pessoa.

Notem que a generalização deve ser formulada em termos das *partículas hortativas* em si e não das *sentenças hortativas* de um modo geral, uma vez que sentenças hortativas também podem ser construídas sem marcadores especializados e com o verbo flexionado (ou seja, numa forma não especializada para o modo jussivo), como em *cantemos* e *vamos cantar*.

Entretanto, o marcador hortativo do russo se comporta de modo diferente e foge a essa generalização, como veremos a seguir.

4 Hortativos em russo

O russo expressa o imperativo de primeira pessoa do plural (ou hortativo) de duas maneiras. A primeira — e menos frequente (cf. Podlesskaya, 2006) — é através do verbo lexical, conjugado na primeira pessoa do plural do futuro ou do presente do indicativo⁸, como em (20)⁹.

- (20) a. **Sdyelaem** êta vmyeste! (russo)
fazer.FUT.1PL isso juntos
'Façamos isso juntos!', 'Vamos/bora fazer isso juntos!'
- b. **Slushaem** utchitelya! (russo)
escutar.PRES.1PL professor
'Escutemos o professor!', 'Vamos/bora escutar o professor!'

A segunda maneira é com verbo *davat'* ('dar'), esvaziado do seu significado lexical, comportando-se como um auxiliar, como em (1) e também em (21) e (22). Nesses dados,

⁸O russo não possui modo subjuntivo.

⁹Na ortografia cirílica, os dados em (20), (21) e (22) ficam, respectivamente: "Сделаем это вместе!"; "Слушаем учителя!"; "Давай(те) начинать!"; "Давай(те) играть в шахматы!"; "Давай(те) начнём!"; "Давай(те) сыграем в шахматы!".

davat' pode ser visto como um marcador hortativo e aparece conjugado na forma do imperativo de segunda pessoa do singular (*davay*) ou do plural (*davayte*), mas em ambos os casos as sentenças possuem interpretação de primeira do plural, o imperativo inclusivo (cf. Hansen, 2024; Podlesskaya, 2006; Aikhenvald, 2010, p. 350; e outros).¹⁰

- (21) a. **Davay(te)** natchinat'! (russo)
dar.IMP(PL) começar.INF
'Começemos!', 'Vamos/bora começar!'
- b. **Davay(te)** igrat' v sharmati! (russo)
dar.IMP(PL) jogar.INF em xadrez
'Joguem xadrez', 'Vamos/bora jogar xadrez!'
- (22) a. **Davay(te)** natchnyom! (russo)
dar.IMP(PL) começar.FUT.1PL
'Começemos!', 'Vamos/bora começar!'
- b. **Davay(te)** cigmaem v sharmati! (russo)
dar.IMP(PL) jogar.FUT.1PL em xadrez
'Joguem xadrez', 'Vamos/bora jogar xadrez!'

Davay(te) se comporta de modo diferente dos marcadores hortativos do PB, inglês e coreano, pois permite dois tipos de combinação: com formas verbais infinitivas, como em (1a) e (21), mas também com verbos conjugados na primeira pessoa do plural do futuro, como em (1b) e (22). Uma vez que *davay(te)* também possui marcas de pessoa e número (*davay* sendo singular, e *davayte* plural), temos a possibilidade de dois verbos conjugados na mesma oração nas sentenças hortativas do russo, um problema descritivo adicional.

Inicialmente, tentemos compreender o primeiro fato: por que o marcador hortativo russo aceita verbos tanto finitos quanto infinitivos?

A escolha da forma infinitiva ou finita não é livre, mas condicionada pelo traço aspectual do verbo. O russo não marca a distinção perfectivo/imperfectivo através de morfemas gramaticais (como em *cantou* e *cantava*), mas sim lexicalmente (cf. Podlesskaya, 2006; Wachowicz; Foltran, 2011, p. 206). Assim, cada verbo é intrinsecamente perfectivo ou imperfectivo¹¹.

Nas sentenças hortativas com *davay(te)*, verbos imperfectivos ocorrem sistematicamente na forma infinitiva, enquanto os perfectivos ocorrem conjugados no futuro. Mas essa não é toda a história. Os verbos imperfectivos e perfectivos russos também têm padrões de conjugação diferentes. O futuro perfectivo é sintético (cf. (23a)), mas o futuro imperfectivo é analítico, expresso com o verbo *bit'* ('ser'), no futuro, combinado com o verbo lexical no infinitivo (cf. (23b))¹².

¹⁰*Davay* também pode ocorrer em permissivos, ou seja, imperativos de segunda pessoa, em que o falante pede ao ouvinte a permissão para ele (o próprio falante) ou uma terceira pessoa agir. Estes dados fogem ao escopo desse trabalho.

¹¹Isso faz com que a maioria dos verbos se manifeste em pares. Por exemplo, nos pares a seguir, o primeiro verbo é sempre a forma perfectiva e o segundo é a forma imperfectiva: (i) *tchitat'* e *pratchitat'* ('ler'); (ii) *gavarit'* e *pagavarit'* ('falar'); (iii) *znat'* e *uznat'* ('saber, ficar sabendo').

¹²Em ortografia cirílica: (23a) "Мы прочитаем эту книгу до конца."; (23b) "Завтра мы будем читать стихи."; (24) Давай(те)будем начинать!

- (23) a. Mi **protchita-em** etu knigu da kantsa. (russo)
 1PL ler.PERF-FUT.1PL esse livro até fim
 ‘Nós leremos esse livro até o fim.’
- b. Zavtra mi **bud-em** tchitat’ ctirri. (russo)
 amanhã 1PL ser-FUT.1PL ler.IMPERF.INF poemas
 ‘Amanhã, leremos/estaremos lendo poemas’.

O russo omite o verbo *bit’* (‘ser’), lexical ou auxiliar, em diversos contextos¹³. Assim, podemos considerar que isso também ocorre nas sentenças hortativas com verbos imperfectivos no infinitivo, como em (1a) e (21). Ou seja, (21a) pode ser vista como equivalente a (24), com a forma *budem* (‘seremos’) omitida. De fato, a ocorrência do auxiliar *budem* é possível em hortativos, como em *Davayte budem jit’* (‘Bora viver!’).

- (24) Davay(te) (**budem**) natchinat’! (russo)
 dar.IMP(PL) ser.FUT.1PL começar.INF
 ‘Vamos (estar a) começar!’

Assim, a coocorrência de formas verbais finitas com um marcador hortativo é a situação *default*, não o caso excepcional, em russo, ao passo que isso é agramatical no PB, inglês e coreano. Isso explica a alternância entre verbos flexionados e não-flexionados nos hortativos russos, mas não explica por que o marcador russo exige formas verbais finitas, ao passo que os marcadores das outras línguas citadas exigem formas não-finitas.

Além disso, um fator complicador adicional é o fato de que o próprio marcador hortativo do russo é também uma forma verbal flexionada pelo menos em pessoa e número¹⁴. Na próxima seção, discuto três possíveis análises iniciais para essa questão.

5 Qual é a estrutura dos hortativos finitos e infinitivos?

Nesta última seção, eu gostaria de apresentar brevemente três possibilidades de análise da estrutura das sentenças hortativas russas com *davay(te)*, com suas vantagens e desvantagens, assumindo que ainda é necessária pesquisa adicional para descrever mais adequadamente o fenômeno.

A primeira forma de analisar os dados do russo é propor que, em todos os casos, *davay(te)* é o núcleo de uma categoria mais alta da sentença, responsável pelo tipo sentencial, como ForceP. Nas sentenças com o verbo flexionado, este ocorreria em T° (após passar por Asp°), como na representação em (25) para (22a)).

- (25) a. Davay(te) **natchnyom!** (hortativo perfectivo flexionado)
 dar.IMP(PL) começar.FUT.1PL
- b. [_{ForceP} [_{Force’} davay(te) [_{TP} pro₁ [_{T’} **natchnyom**₁ [_{AspP} [_{Asp’} t’₁ [_{VP} t₂ [_{V’} t₁]]]]]]]]]

¹³O verbo *bit’* lexical (‘ser’) é omitido obrigatoriamente no presente em sentenças estativas (por exemplo, Maria — *krassivaya*” literalmente ‘Maria — linda’), e na construção possessiva negativa (*u miniá net bremini*, literalmente ‘comigo não tempo’, significando ‘eu não tenho tempo’). Também é omitida opcionalmente na construção possessiva afirmativa (*u miniá est bremya*, literalmente ‘comigo é tempo’, significando ‘eu tenho tempo’).

¹⁴Sem entrar na questão sobre se as formas verbais imperativas devem ser vistas como possuindo ou não possuindo tempo.

Nas sentenças com infinitivos, o verbo lexical permaneceria interno ao VP e um verbo auxiliar nulo (versão foneticamente nula de *bit'*) seria gerado em Asp^0 e se moveria para T^0 , como na representação em (26) para a sentença em (21a).

- (26) a. Davay(te) **natchinat'**! (hortativo imperfectivo infinitivo)
 dar.IMP(PL) começar.INF

- b. [ForceP [Force' davay(te) [TP pro_2 [T' $\emptyset_1$ [AspP [Asp' t_1 [VP t_2 [V' **natchinat'**]]]]]]]]

Essa análise dá conta das diferenças aspectuais entre as duas versões dos hortativos com *davay(te)*, mas não explica as diferenças entre o russo e as outras línguas em que marcadores hortativos não se combinam com verbos flexionados. Não há motivação, por exemplo, para postular a existência de um auxiliar nulo entre *bora* e o verbo infinitivo, o que, inclusive, faria a previsão errada de possível realização fonética de tal verbo (*bora vamos sair / cantar / passear* é agramatical, a não ser como dois imperativos justapostos).

Por outro lado, o caso do inglês poderia ser explicado dentro dessa análise, assumindo que o marcador *let's* é gerado em T^0 e posteriormente movido para $\text{Force}^0/\text{Juss}^0$, em linha com Potsdam (1998). *Let's* não se combinaria com verbos flexionados (em tempo, número e pessoa) por ser a própria realização da flexão. A terminação *'s*, derivada diacronicamente de *us*, pode ser vista como o elemento que codifica o traço de primeira pessoa do plural.

A partícula *-ca* do coreano também poderia ser gerada num núcleo T^0 , com movimento para Juss^0 , bloqueando assim outras partículas de tempo. A diferença entre *-ca* e *let's* está no fato de que a primeira é um afixo e exige também o movimento do verbo lexical, ao passo que *let's* é uma forma autônoma ou, pelo menos, não-afixal.¹⁵

Essa análise poderia facilmente ser estendida para sentenças hortativas do PB como o auxiliar *vamos* (*Vamos cantar!*) (cf. Cavalcante, 2023 e a sair), que já se comporta como auxiliar em T^0 em sentenças declarativas e interrogativas. Porém, essa análise dificilmente poderia ser aplicada ao caso de *bora*, pois não há motivação para tratar essa partícula como um verbo auxiliar ou marcador temporal em T^0 .

Uma segunda possibilidade de análise dos hortativos russos é considerar que seriam construções bioracionais: *davay(te)* seria um elemento verbal, lexical, núcleo de VP (posteriormente movido para T^0 e Juss^0), que tomaria uma oração como complemento. Os dois verbos flexionados de dados como (22) ocorreriam em orações distintas, não na mesma oração. A ausência de um complementizador entre as duas orações pode ser explicada pelo fato de que o russo permite limitadamente a omissão da conjunção completiva *shtô*, como em (27)¹⁶.

- (27) Dumayu, $\emptyset$ on iscal tavô parnya. (russo)
 pensar.1SG.PRES - 3SG procurar.PASS.SG aquele cara
 'Eu acho que ele estava procurando por aquele cara.'

¹⁵Um parecerista aponta que, apesar de (relativamente?) autônomo, *let's* não se comporta com forma livre, pois não pode ocorrer isoladamente, apenas como elemento pré-verbal.

¹⁶Em ortografia cirílica: (27) "Думаю, он искал того парня."; (28a) *Не давайте будем говорить по-португальски; (28b) Давайте не будем говорить по-португальски.

A hipótese dos hortativos como sentenças bioracionais é inspirada na análise de Hansen (2004) para a gramaticalização de *davay*, pois o autor considera que essa forma ainda não é inteiramente gramaticalizada.

Se Hansen (2004) estiver correto, podemos considerar que isso significa que *davay(te)* ainda mantém traços lexicais, comportando-se como núcleo de um VP, ainda que acumulando também traços hortativos, que o façam se mover para Juss°.

Porém, há duas dificuldades para essa análise. A primeira é o fato de que *davay(te)* não mantém seu significado lexical nessas construções (cf. Podlesskaya, 2006). A segunda é que *davay(te)* não pode ficar sob o escopo da negação sentencial (cf. (28a)), apesar de esta anteceder sistematicamente o verbo em russo. O marcador negativo *nie* só pode ocorrer negando a segunda parte da sentença (cf. (28b)), um comportamento semelhante ao do *bora* e do *vamos* hortativos no PB (cf. Cavalcante, 2023 e a sair) e do *let's* do inglês (cf. Potsdam, 1998).

- (28) a. ***Nie** *davay(te)* *gavarit'* *pa-portugalski.* (russo)
 NEG dar.IMP(PL) falar.INF em-português
- b. *Davay(te)* **nie** *gavarit'* *pa-portugalski.* (russo)
 dar.IMP(PL) NEG falar.INF em-português
 'Vamos/bora não falar português.'

A terceira análise possível também é inspirada na análise de Hansen (2004) sobre a gramaticalização apenas parcial de *davay(te)*, mas assume uma outra interpretação para a gramaticalização parcial. Considerando-se que a gramaticalização envolve, entre outros processos, a passagem de um XP pleno para um X°, é possível que *davay(te)* não funcione como o núcleo de JussP/ForceP, mas como o seu especificador, que entra numa relação de concordância com um núcleo hortativo vazio. Assim, a análise para as estruturas com *davay(te)* seria a das representações em (29) e (30) e não a das configurações em (25) e (26).

(29) a. *Davay(te) natchnyom!*

- b. [_{ForceP} [**davay(te)**] [_{Force'} Ø_{hort} [_{TP} pro₁ [_{T'} natchnyom₁ [_{AspP} [_{Asp'} t'₁ [_{VP} t₂ [_{V'} t₁]]]]]]]]]]]

(30) a. *Davay(te) natchinat'!*

- b. [_{ForceP} [**davay(te)**] [_{Force'} Ø_{hort} [_{TP} pro₂ [_{T'} Ø₁ [_{AspP} [_{Asp'} t₁ [_{VP} t₂ [_{V'} natchinat']]]]]]]]]]]]

Essa análise é compatível com a generalização em (A), se entendermos que ela se refere a partículas (explícitas) que exercem a função de núcleo hortativo. *Davay(te)* seria um item mais semelhante a um elemento adverbial, que se combina ao núcleo hortativo nulo.

Uma dificuldade para essa análise diz respeito a um item verbal se tornar um sintagma pleno num especificador, ou seja, uma categoria X° (um V°) se gramaticalizar num XP. Mas o processo de gramaticalização de *davay(te)* pode ter como ponto de partida, não a forma nuclear V°, mas um VP com argumentos nulos ou mesmo TP com elipse de VP.

Isso prevê que elementos hortativos podem se realizar de formas distintas:

- (i) como um especificador; ou
- (ii) como um núcleo.

E, como núcleo, esse elemento pode ser:

- (a) um núcleo sem realização fonética compatível com verbos flexionados, como o *Façamos isso!* do português e casos semelhantes de outras línguas e do russo; ou
- (b) uma forma com traços fonéticos, gerada diretamente em Juss^o/Force^o (que seria o caso de *bora* do PB) ou gerada em T^o e posteriormente movida para Juss^o/Force^o (que seria o caso de *let's* em *Let's do it!*, do *-ca* do coreano e, talvez, do *vamos* como auxiliar em dados como *Vamos sair!*).

O tema ainda exige pesquisa adicional, que explore a natureza da incompatibilidade entre os marcadores hortativos em posição de núcleo (não gerados em T^o) e marcas de finitude nos verbos selecionados.

Referências

- AIKHENVALD, Alexandra Y. *Imperatives and Commands*. New York: Oxford University Press, 2010.
- BEUKEMA, Frits; COOPMANS, Peter Coopmans. A government-binding perspective on the imperative in English. *Journal of Linguistics*, v. 25, n. 2, 1989, p. 417-436. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4176012>. Acesso em: 13 jan. 2023.
- BORGES, Paulo R. S. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social-linguística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. 2004. 227 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Paraná, Porto Alegre, 2004.
- CAVALCANTE, Rerisson. Bora como marcador imperativo-hortativo. *Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem*, v. 9 n. 1, p. 11-20, 2023.
- Van der AUWERA, Johan; DOBRUSHINA, Nina; GOUSSEV, Valentin. Imperative-Hortative Systems. In: DRYER, Matthew; HASPELMATH, Martin; GIL, David; COMRIE, Bernard (org.). *World Atlas of Language Structures*. Oxford: Oxford University Press, 2003.
- JARY, Mary; KISSINE, Ritchie Mikhail. *Imperatives*. Cambridge University Press, 2014.
- HANSEN, Björn. The grammaticalization of the analytical imperatives in Russian, Polish and Serbian/Croatian. *Die Welt der Slaven*, v. 49, p. 257-274, 2004.
- MENDONÇA, Alexandre Kronemberger de. Nós e a gente na cidade de Vitória: análise da fala capixaba. *Revista PerCursos Linguísticos*, v. 2, n. 4, 2012.

PLATZACK, Christer; ROSENGREN, Inger. On the subject of imperatives: a Minimalist account of the imperative clause. *Journal of Comparative Germanic Linguistics*, v. 3, p. 177-224, 1998.

PODLESSKAYA, Vera I. Auxiliation of 'give' verbs in Russian: discourse evidence for grammaticalization. In: TSUNODA, Tasaku; KAGEYAMA, Taro. *Voice and Grammatical Relations: In Honor of Masayoshi Shibatani*. Amsterdam: John Benjamins, 2006. p. 271-298.

POTSDAM, Eric. *Syntactic Issues in the English Imperative*. Nova York: Garland Publishing, 1998.

ROORYCK, Johan. Restricting relativized minimality: the case of Romance clitics. In: AMAS-TAE, Jon; GOODALL, Grant; MONTALBETTI, M.; PHINNEY, M. (org.). *Contemporary Research in Romance Linguistics: papers from the XXII Linguistic Symposium on Romance Languages*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995. p. 333-354.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; FOLTRAN, Maria José. Sobre a noção de aspecto. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 48, n. 2, p. 211-232, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637179>. Acesso em: 10 ago. 2025.

ZANUTTINI, Raffaella. *Syntactic Properties of Sentential negation: a Comparative Study of Romance Languages*. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, 1991.

ZANUTTINI, Raffaella. On the relevance of tense for sentential negation. In: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. *Parameters and Functional Heads: Essays in Comparative Syntax*. Oxford University Press, 1996. p. 181-207.

ZILLES, Ana Maria Stahl; MAYA, Leonardo Zechlinski; SILVA, Karine Quadros da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre, RS. *Organon*, Porto Alegre, v. 14, n. 28/29, p. 195-219, 2000.

AUTORIA**Rerisson Cavalcante (UFBA)**

Conceitualização; Análise Formal; Escrita — Esboço Original; Escrita — Revisão e Edição

Conforme papéis CRediT especificados em:

https://contributorshipcollaboration.github.io/projects/translation/translations/pt_latn/**DADOS DA PUBLICAÇÃO**

Seção: Artigo Convidado

Recebido em: 11/8/2025

Aceito em: 4/9/2025

Publicado em: 13/10/2025

COMO CITAR

CAVALCANTE, Rerisson. Marcadores imperativo-hortativos e finitude.

Caderno de Squibs: Temas em estudos formais da linguagem, v. 10, n. 2, p. 9-23, 2024.**SOBRE A REVISTA**Submissões: <https://periodicos.unb.br/index.php/cs>*Open Access*Sob licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License*